

É NO ALTO DE UMA COLINA ONDE O ÁPICE DESTA HISTÓRIA ACONTECE

Cristiana da Silva Oliveira¹

Era começo do mês de agosto e, por incrível que possa parecer, o clima estava ameno, agradável e até um pouco frio. A garota tinha saído para caminhar um pouco, a fim de desligar-se de suas preocupações mais recentes, que culminavam numa tristeza esparsa e contagiante, levando-a a cogitar ultrapassar certos limites. A frente de seus passos havia uma colina, um tapete de grama incrivelmente verde cobria sua superfície, como que cuidado recentemente por um hábil jardineiro. Subindo a colina, avistou uma árvore. Cansada que estava de caminhar sem destino, ao perceber como aquela grama parecia aconchegante e convidativa, descalçou os pés, removendo seu amado *All Star*. Sentindo que, além de muito verde e limpa, a grama proporcionava um toque macio e aveludado, resolveu sentar-se ao pé daquela frondosa árvore, assim poderia repousar um pouco e aproveitar para contemplar o pôr-do-sol, que em breve também repousaria para dar lugar à noite – a vista dali prometia ser magnífica e incrível, transcendental até. O momento enfim chegou, um crepúsculo paradisíaco se mostrava, e trouxe consigo uma leve sonolência, e a garota adormeceu. Já noite era e ela, perdida em seu cansaço – físico e mental – não se importou em ficar ali sozinha, numa propriedade que ia além da de seus pais. O céu estava limpo e estrelado. Enquanto dormia sonhava tranquilidade. Foi então que começou a sentir suas roupas movimentarem-se, não poderia ser o vento, embora ele se fizesse presente não poderia oscilar suas vestes daquela maneira. Era como se alguém a estivesse tocando. Percebeu, então, que um galho contornava sua perna, movendo-se e direção às suas coxas, e outro contornava sua cintura, em direção ao seu ventre. De um sobressalto despertou, percebendo que aquilo não fora um sonho, mas estava de fato a acontecer. Embora estivesse assustada, deixou prosseguir a situação, pois a sentimento era muito bom. Fechou os olhos e deixou-se sentir a paz e furor das sensações. Os galhos então alcançaram as suas partes íntimas, um deles seguiu caminho até sua intimidade, o outro acabou por contornar seu seio direito. Em um misto de espanto e prazer, deixou-se levar pelas carícias proporcionadas pelos galhos, deixou-se, por fim, ser possuída. Por mais estranho que aquilo tudo pudesse parecer, ela já não sentia mais medo, nem ao menos considerava aquela uma situação estranha. Sabia que não estava sonhando, sabia, também, que não havia enlouquecido. Parecia tudo tão normal,

¹ Graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Alagoas.

tão certo. O galho a percorrer vagorosamente mais a fundo trouxe uma sensação áspera e dolorosa. A garota, que até então não ousara pronunciar uma palavra sequer, tão entregue estava àquele momento, soltou um leve gemido de dor e arriscou deixar que sua voz cortasse o silêncio, sem esperar resposta: “Estou sentindo dor. É doloroso!”. Rompendo com suas expectativas, a árvore respondeu: “Mas é necessário que antes a seiva escorra para receber os novos amores.”. A voz que emanou daquele ser era a mais linda que já se ouvira no universo, uma voz doce, gentil, firme e certa. Nesse instante ela compreendeu o significado de tudo aquilo, embora não fizesse o menor sentido. A dor logo se foi, dando lugar apenas à excitação e desejo. A cada movimento, a cada balançar, ela desejava apenas o galho. A noite parecia não ter fim (nem começo), envolta que estava naquele cenário, não desejava mais nada. Sua tristeza e todas as outras vontades que um dia pudera ter existido desapareceram para dar lugar àquela união que se firmava pura e eterna. O momento cessou quando a garota alcançou o desconhecido pelo seu corpo ainda jovem e inexperiente, tornado maduro naquele instante. Sentia que podia abrigar em si toda a felicidade e satisfação do mundo. Sentia ser ela não mais uma garota, mas a própria natureza. Sentiu vida se formar e transbordar de seu interior. Sentiu-se completa. Sentiu-se amada. E, acima de tudo, sentiu-se infinita. Desse amor nasceram frutos, parecidos com cachos de uvas, porém menores e singulares. E a essa nova vida ela deu o nome de amora.